



Prevalência de infecções sexualmente transmissíveis em adolescentes e os fatores de risco

Prevalence of sexually transmitted infections in adolescents and risk factors

Prevalencia de infecciones de transmisión sexual en adolescentes y factores de riesgo

Mayra Loreanne Nascimento Corrêa¹, Matheus Lopes dos Santos¹, Aldalice Tocantins Corrêa¹, Pablo Palmerim Santana¹, Maria Eduarda dos Santos Alves¹, Tatiana do Socorro Santos Calandrini¹, Camila Rodrigues Barbosa Nemer¹, Nely Dayse Santos da Mata¹.

RESUMO

Objetivo: Identificar as evidências científicas sobre as infecções sexualmente transmissíveis e suas repercussões para a saúde sexual dos adolescentes. **Métodos:** Trata-se de revisão integrativa realizada entre os meses de janeiro a abril de 2023, mediante consulta às bases eletrônicas de dados: MEDLINE/PUBMED, SCOPUS, LILACS, IBECs, BDEFN via Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Os descritores e as palavras-chaves utilizadas para a busca foram consultados nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), *Medical Subject Headings* (MeSH). Para análise e síntese dos resultados, utilizou-se o software on-line de revisão *Rayyan*. **Resultados:** Foram identificados no total 36.096 estudos e, após a aplicação dos filtros restaram 4.753 para a leitura dos títulos e resumos, sendo selecionados 82 artigos para a leitura na íntegra. Após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 36 artigos foram incluídos na amostra: 10 na BVS, 14 na PUBMED e 11 na SCOPUS. **Considerações finais:** Observa-se que a falta de conhecimento dos adolescentes sobre as IST é o principal fator que contribui para a sua disseminação. Além disso, esse fator também se relaciona com os comportamentos de risco adotados por esse público.

Palavras-chave: Infecções Sexualmente Transmissíveis, Adolescentes, Saúde Sexual e Reprodutiva.

ABSTRACT

Objective: To identify the scientific evidence on sexually transmitted infections and their repercussions on the sexual health of adolescents. **Methods:** This is an integrative review carried out between January and April 2023, by consulting the electronic databases: MEDLINE, SCOPUS, LILACS, IBECs, BDEFN via the Virtual Health Library (VHL). The descriptors and keywords used for the search were consulted in Health Sciences Descriptors (DeCS), *Medical Subject Headings* (MeSH). The search strategy was conducted in order to contemplate the peculiarities of each database. **Results:** A total of 36,096 studies were identified and, after applying the filters, 4,753 remained for reading the titles and abstracts, with 82 articles being selected for full reading. After applying the inclusion and exclusion criteria, 36 articles were included in the sample: 10 in VHL, 14 in PUBMED and 11 in SCOPUS. **Final considerations:** It is observed that the lack of knowledge of adolescents about STIs is the main factor that contributes to their dissemination. In addition, this factor is also related to the risk behaviors adopted by this public.

Keywords: Sexually Transmitted Infections, Adolescents, Sexual and Reproductive Health.

¹ Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá - AP.

RESUMEN

Objetivo: Identificar las evidencias científicas sobre las infecciones de transmisión sexual y sus repercusiones en la salud sexual de los adolescentes. **Métodos:** Se trata de una revisión integradora realizada entre enero y abril de 2023, mediante consulta de las bases de datos electrónicas: MEDLINE, SCOPUS, LILACS, IBECs, BDNF a través de la Biblioteca Virtual en Salud (BVS). Los descriptores y palabras clave utilizadas para la búsqueda fueron consultados en Health Sciences Descriptors (DeCS), Medical Subject Headings (MeSH). La estrategia de búsqueda se realizó con el fin de contemplar las peculiaridades de cada base de datos. **Resultados:** Se identificaron un total de 36.096 estudios y, después de aplicar los filtros, quedaron para lectura de títulos y resúmenes 4.753, siendo seleccionados 82 artículos para lectura completa. Después de aplicar los criterios de inclusión y exclusión, 36 artículos fueron incluidos en la muestra: 10 en BVS, 14 en PUBMED y 11 en SCOPUS. **Consideraciones finales:** Se observa que el desconocimiento de los adolescentes sobre las ITS es el principal factor que contribuye a su diseminación. Además, este factor también está relacionado con las conductas de riesgo adoptadas por este público.

Palabras clave: Infecciones de Transmisión Sexual, Adolescentes, Salud Sexual y Reproductiva.

INTRODUÇÃO

As infecções sexualmente transmissíveis (IST) constituem um dos principais determinantes da carga de doenças na população. Dentre as IST mais conhecidas e que possuem maior incidência, destaca-se o Câncer Mole, Clamídia, Hepatites Virais, Sífilis, Tricomoníase, Condiloma Acuminado (HPV), herpes, Doença Inflamatória Pélvica (DIP), HIV e Gonorreia (NESPOLO DJ, et al., 2019). Os principais meios de transmissão dessas infecções são as relações sexuais desprotegidas, lesões e/ou contato com materiais perfurocortantes de pessoas infectadas, transfusão sanguínea e transmissão vertical (da mãe para o bebê durante o parto ou amamentação) (CARVALHO RO, et al., 2021).

Com base nos dados epidemiológicos apresentados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2022, foram notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), 718.651 casos confirmados de hepatites virais no Brasil, no período de 2000 a 2021; de 2007 até junho de 2022, foram notificados 434.803 casos de infecção pelo HIV; e de 2011 a 2021, foram notificados no país 1.035.942 casos de sífilis adquirida, 466.584 casos de sífilis em gestantes, 221.600 casos de sífilis congênita e 2.064 óbitos por sífilis congênita (BRASIL, 2022; BRASIL, 2022; BRASIL, 2022).

As demais IST como a gonorreia, clamídia, tricomoníase, HPV não estão incluídos na lista nacional de doenças e agravos de notificação compulsória, o que impede uma análise epidemiológica mais minuciosa com relação às tendências das infecções no país e conseqüentemente, dificulta ações estratégicas pelos profissionais da saúde (CARVALHO RO, et al., 2021).

Observa-se também que as notificações dessas IST são mais acentuadas entre adolescentes, principalmente na faixa etária de 10 a 19 anos. Com base nesse cenário, a atenção à saúde sexual e reprodutiva de adolescentes tem enfrentado alguns obstáculos que contribuem para o aumento da incidência de IST nessa população, como falhas nas estratégias de imunização, falta de subsídios necessários para a realização do diagnóstico e tratamentos, falta de infraestrutura adequada nas unidades básicas de saúde; falta de profissionais capacitados; e falhas nas ações de educação em saúde (SANTOS CR, et al., 2022).

Diante desse contexto, definiu-se como objetivo deste estudo: identificar as evidências científicas sobre IST e suas repercussões para a saúde sexual dos adolescentes.

MÉTODOS

Trata-se de revisão integrativa, desenvolvida em seis fases de elaboração: 1) identificação da questão de pesquisa; 2) busca na literatura e amostragem; 3) definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados; 4) avaliação crítica dos estudos incluídos; 5) interpretação dos resultados; 6) síntese do conhecimento e apresentação da revisão (ERCOLE FF, et al., 2014).

Para elaboração da questão de pesquisa, empregou-se o acrônimo População – Fenômeno de Interesse – Contexto (PICO) (LOCKWOOD C, et al., 2020). Os elementos da estratégia PICO consistem em: (P) Adolescentes, (I) Infecções Sexualmente Transmissíveis, (Co) Saúde Reprodutiva/Comportamento Sexual. Dessa forma, a pergunta norteadora do estudo foi: “Quais as principais infecções sexualmente transmissíveis e suas repercussões para a saúde reprodutiva de adolescentes?” O levantamento bibliográfico foi realizado entre os meses de janeiro a abril de 2023, mediante consulta às bases eletrônicas de dados: *Medical Literature Analysis and Retrieval System on-line* (MEDLINE via PubMed®); SCOPUS; Web of Science TM; Literatura Latino-Americana de Ciências do Caribe e da Saúde (LILACS), Índice Bibliográfico de Ciências da Saúde (IBECs), e Banco de Dados em Enfermagem (BDENF) via Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). A escolha das referidas bases justifica-se pelo escopo de abrangência e por seu impacto nas produções científicas em saúde.

As bases foram acessadas por meio do acesso remoto CAFe (Comunidade Acadêmica Federada) e registro na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), disponibilizado pelo Portal de Periódicos da CAPES/MEC. Os critérios de inclusão delimitados foram estudos de fonte primária, sem restrição de idioma, que apresentassem aspectos relacionados à prevalência de infecções sexualmente transmissíveis em adolescentes e a sua relação com os comportamentos sexuais e repercussões para a saúde dos mesmos, durante o período de 5 anos (2018-2023) e que disponibilizassem texto completo. Foram excluídos os registros editoriais, teses, dissertações, artigos de revisão e os que não respondessem à questão de pesquisa.

Os descritores e as palavras-chaves utilizadas para a busca foram consultados nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), *Medical Subject Headings* (MeSH). Adicionalmente, foram utilizados sinônimos dos descritores controlados. No intuito de realizar a busca de alta sensibilidade em cada base, inicialmente os descritores de cada conjunto da estratégia PICO foram combinados entre si com o conector booleano OR e, na sequência, cada conjunto foi combinado com o conector AND. A estratégia de busca foi conduzida de forma a contemplar as peculiaridades de cada base de dados (**Quadro 1**).

Quadro 1 – Estratégia de busca empregados na estratégia de busca nas bases de dados.

Base de dados	Estratégia de busca/Descritores e/ou Palavras-chaves
Biblioteca Virtual de Saúde	(adolescente) OR (adolescentes) OR (adolescência) AND (infecções sexualmente transmissíveis) AND (prevalência) AND (comportamento sexual) AND (fulltext:"1") AND db:("LILACS" OR "IBECs" OR "BDENF")) AND (year_cluster:[2018 TO 2023])
Medline/PubMed	(((((Adolescent) OR (Adolescents)) OR (Adolescence)) AND (Sexually Transmitted Diseases)) AND (Prevalence)) AND (Sexual Behavior)
SCOPUS	(ALL(adolescente) OR ALL (adolescentes) OR ALL (adolescência) AND ALL ("doenças sexualmente transmissíveis") AND ALL (prevalência) AND ALL ("comportamento sexual")) AND (LIMIT-TO (OA , "all")) E (LIMIT-TO (PUBYEAR , 2023) OU LIMIT-TO (PUBYEAR,2022) OU LIMIT-TO (PUBYEAR, 2021) OU LIMIT-TO (PUBYEAR, 2020) OU LIMIT-TO (PUBYEAR, 2019) OU LIMIT-TO (PUBYEAR, 2018))

Fonte: Corrêa MLNC, et al., 2024.

A seleção das referências foi realizada por dois revisores, de forma independente que após leitura de títulos, resumos e inclusão obtiveram índice de concordância superior a 80%. As discordâncias foram gerenciadas pelo terceiro revisor, que emitiu um parecer quanto à possibilidade de inclusão. A extração dos dados foi realizada com auxílio de um instrumento próprio, sendo consideradas variáveis relacionadas à identificação do estudo (título, autor principal, objetivo e ano de publicação), aspectos metodológicos (delineamento e nível de evidência) e principais resultados.

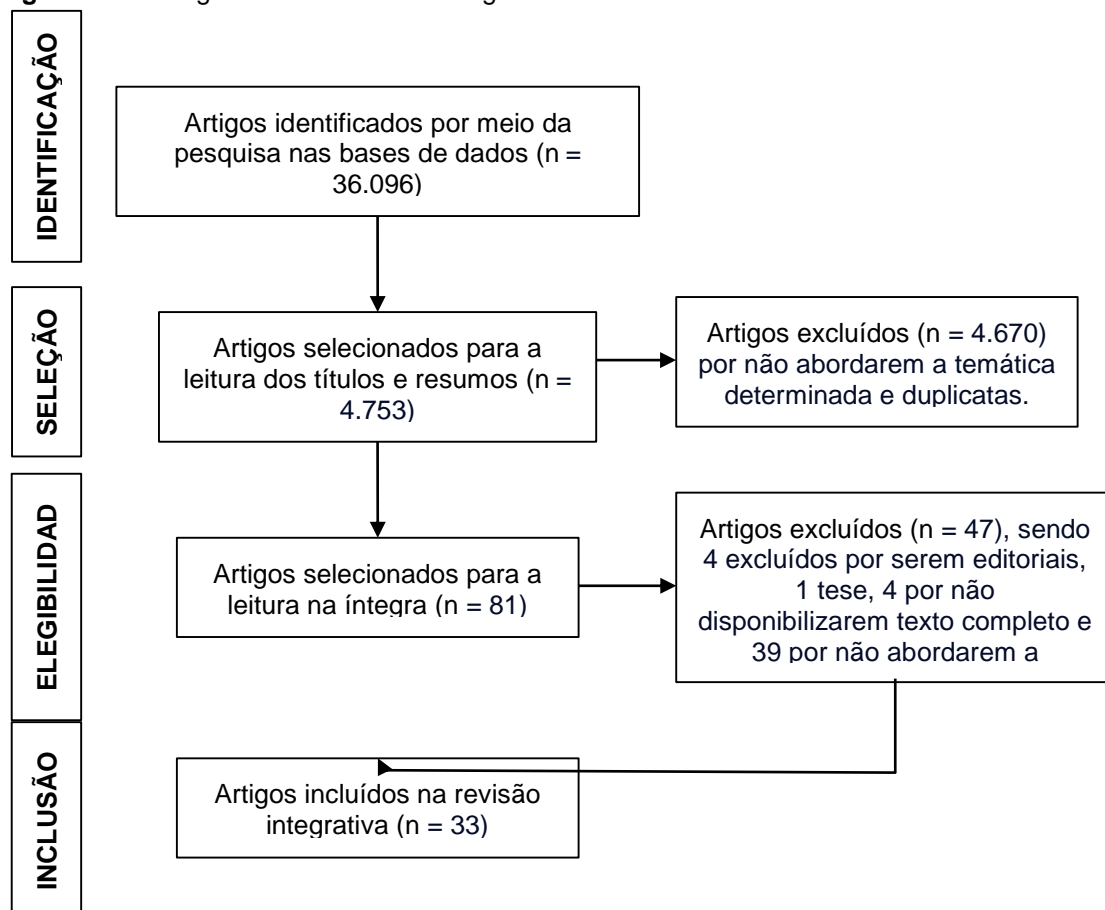
O Nível de Evidência (NE) foi determinado a partir das recomendações propostas pelo *Agency for Healthcare Research and Quality (AHRQ) dos Estados Unidos da América*, que classifica as evidências de acordo com o delineamento metodológico: 1 - evidências são provenientes de revisão sistemática ou metanálise de todos relevantes ensaios clínicos randomizados controlados ou oriundas de diretrizes clínicas baseadas em revisões sistemáticas de ensaios clínicos randomizados controlados; 2 - evidências derivadas de pelo menos um ensaio clínico randomizado controlado bem delineado; 3 - evidências obtidas de ensaios clínicos bem delineados sem randomização; 4 - evidências provenientes de estudos de coorte e de caso-

controle bem delineados; 5 - evidências originárias de revisão sistemática de estudos descritivos e qualitativos; 6 - evidências derivadas de um único estudo descritivo ou qualitativo; 7 - evidências oriundas de opinião de autoridades e/ou relatório de comitês de especialistas (GALVÃO CM, et al., 2006). Para análise e síntese dos resultados percorreu-se duas fases: a primeira abordou a triagem dos artigos, avaliando-se os títulos, por meio do software on-line de revisão *Rayyan*, que agiliza a triagem inicial de resumos e títulos, e incorpora um alto nível de usabilidade neste processo. Na segunda fase de seleção foram analisados os estudos selecionados e lidos os seus respectivos resumos; e na última fase realizou-se a leitura na íntegra para definir a amostra final, sendo apresentadas as evidências por meio de quadro e figura estruturados de acordo com as variáveis de interesse. O protocolo deste estudo não foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, uma vez que foram utilizados estudos de acesso público, disponíveis na literatura científica internacional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram identificados no total 36.096 estudos e, após a aplicação dos filtros restaram 4.753 para a leitura dos títulos e resumos, sendo selecionados 82 artigos para a leitura na íntegra. Após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 36 artigos foram incluídos na amostra: 10 na BVS, 14 na PUBMED e 11 na SCOPUS. A seleção dos artigos foi demonstrada conforme apresentado na **Figura 1**.

Figura 1 – Fluxograma da busca dos artigos.



Fonte: Corrêa MLNC, et al., 2024.

Os achados foram categorizados em dois domínios: a) Prevalência das infecções sexualmente transmissíveis; e b) Relação entre os comportamentos de riscos e as IST. No **quadro 2** observa-se a apresentação dos estudos selecionados para compor a revisão integrativa. Os artigos podem aparecer em mais de uma categoria.

Quadro 2 – Distribuição dos artigos selecionados com base no autor principal, ano de publicação, objetivo, delineamento do estudo, resultados, nível de evidência e base de dados.

ID	Autor principal	Objetivo	Delineamento do estudo	Resultados	Nível de evidência	Base de dados
1	MELO LD, et al., (2022)	Analisar as práticas sexuais e a adoção de práticas de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis entre estudantes universitários.	Pesquisa descritiva, transversal, quantitativa.	Houve predomínio de jovens do sexo feminino, faixa etária 18 a 23 anos, sexualmente ativos; não faziam uso contínuo do preservativo com parceiros fixos e casuais; a maioria negociava o uso do preservativo; nunca realizaram teste para detectar o HIV e negaram ocorrência prévia de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST).	Nível 6	BVS
2	SANTARATO N, et al., (2022)	Caracterizar as práticas sexuais dos adolescentes e sua associação com variáveis sociodemográficas, fontes de informações e hábitos comportamentais.	Estudo descritivo observacional, transversal.	A iniciação da vida sexual foi de 21,2% através do sexo oral, com predominância o sexo feminino (94,4%), cor autorreferida parda (55,0%). A prática do sexo vaginal foi relatada em 31,8%, com idade média de iniciação aos 14,5 anos. A prática de sexo anal foi detectada em 7,1%, com média de idade aos 14,4 anos, prevalente no sexo feminino (83,3%), com cor autorreferida preta (50,0%). Ocorreu a associação entre o uso de álcool, drogas e tabaco com as práticas sexuais ($p < 0,05$).	Nível 6	BVS
3	SPINDOLA T, et al., (2021)	Identificar as condutas sexuais dos jovens, as quais, integradas ao contexto social, permitem vislumbrar a influência na saúde sexual, minimizando ou ampliando a vulnerabilidade do grupo frente às IST.	Pesquisa descritiva, qualitativa.	Os achados denotam que os universitários se reconhecem como uma população vulnerável às infecções transmitidas pelo sexo desprotegido. O grupo apresenta insuficiência de conhecimentos sobre as infecções e não usa preservativos de modo contínuo. Percebeu-se, nos discursos dos universitários, que o tipo de relacionamento afetivo é determinante para uso (ou não) do preservativo. Os jovens acreditam na invulnerabilidade do grupo e, por conseguinte, assumem um comportamento sexual de risco.	Nível 6	BVS
4	RIZZON BB, et al., (2021)	Avaliar o comportamento de risco para infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) em estudantes do ensino médio de Urussanga-SC.	Estudo observacional transversal e descritivo.	Do total, 50% haviam iniciado as atividades sexuais. Entre o sexo feminino, 48,1% relataram um parceiro, contrapondo-se com o sexo masculino, no qual 40,7% relataram quatro ou mais. Em relação ao conhecimento sobre manifestações de ISTs, 62,4% informaram dor na região genital como sinal de alerta, todavia a presença de feridas e corrimento foi reconhecida por menos de 40% dos adolescentes.	Nível 6	BVS

ID	Autor principal	Objetivo	Delineamento do estudo	Resultados	Nível de evidência	Base de dados
5	FREITAS FLS, et al., (2021)	Caracterizar aspectos sociodemográficos, comportamentais e clínicos entre conscritos brasileiros, segundo a prevalência de sífilis.	Estudo descritivo.	Do total de 37.282 participantes, 73,7% haviam iniciado a vida sexual. As prevalências de sífilis na vida e de sífilis confirmada foram de 1,6% e 1,1%, respectivamente. As seguintes variáveis populacionais apresentaram maior prevalência de sífilis: ausência de acesso à Internet no domicílio; início da atividade sexual antes dos 14 anos; categoria de exposição homens que fazem sexo com homens; práticas sexuais com mais de cinco parcerias; e recebimento de presentes, drogas ou outros incentivos em troca de sexo.	Nível 6	BVS
6	SAURA S, et al., (2019)	Estabelecer vínculos entre as representações sociais que os jovens utilizam para construir sua identidade de gênero, sexualidade e a gestão do risco de IST.	Estudo qualitativo	Entre as meninas, a ideologia do amor romântico está associada à dependência do parceiro, resultando na perda da autonomia na negociação do uso do preservativo. Os meninos representam o desejo sexual como um instinto que não conseguem controlar devido a um fato biológico como os hormônios, o que parece justificar a falta de preocupação com o uso do preservativo. Essas crenças explicam porque as meninas são submetidas a preconceitos sexistas quando têm relacionamentos sem afeto, enquanto os meninos nessas mesmas situações aumentam sua identidade masculina. O discurso de confiança do casal frequentemente resulta na rejeição do preservativo, pois está associado a significados não compatíveis com a fidelidade.	Nível 6	BVS
7	COSTA MIF, et al., (2019)	Verificar a associação entre os determinantes sociais de saúde e a vulnerabilidade de adolescentes às IST.	Estudo transversal.	212 (73,9%) adolescentes foram considerados mais vulneráveis, com pontuação ≥ 4 . O determinante social intermediário "moradia (casa própria)" obteve associação significativa com a vulnerabilidade às ISTs.	Nível 6	BVS
8	SPINDOLA T, et al., (2020)	Analisar as práticas e comportamentos sexuais de jovens universitários frente às IST.	Estudo descritivo, transversal, de abordagem quantitativa	Os universitários são solteiros, heterossexuais e sexualmente ativo; iniciaram a vida sexual na faixa etária de 12 a 17 anos; relataram ter aliança fixa e dessas 54,62% não usaram preservativo; relataram uma multiplicidade de associações sexuais, e não usam preservativo em todas as relações sexuais. Os alunos relataram consumir álcool, sendo uso esporádico (50,39%), porém, acrescentam que não bebiam antes da última relação sexual (69,42%).	Nível 6	BVS

ID	Autor principal	Objetivo	Delineamento do estudo	Resultados	Nível de evidência	Base de dados
9	NNEBUE CC, et al., (2018)	Determinar a conscientização, as variações de gênero, as consequências do comportamento sexual de risco e as soluções adotadas entre adolescentes do ensino médio em Owerri, Nigéria	Estudo transversal.	A maioria dos adolescentes, ou seja, 306 (82,5%), conhecia comportamentos sexuais de risco, 340 (91,6%) receberam alguma educação sexual e 296 (79,8%) conheciam métodos contraceptivos. As principais fontes de informação foram as escolas e os pais. No total, 54 (14,1%) participantes eram sexualmente ativos, 12 (22,2%) relataram já ter tido uma IST e 9 (75%) foram tratados em hospital. Além disso, 8 (14,8%) dos 54 haviam lidado com uma gravidez; 7 (87,5%) abortaram, 3 (42,9%) em hospital. Os comportamentos sexuais de risco no sexo masculino estiveram associados à idade, tipo de escola e consumo de álcool, enquanto a residência dos pais teve maior influência no sexo feminino.	Nível 6	BVS
10	MARCO MH, et al., (2018)	Investigar os calendários e características do início da vida sexual dos jovens argentinos e investigar a situação atual dos conhecimentos, práticas e acesso à educação sexual	Estudo qualitativo	Encontrou-se um panorama nacional com tendências marcantes nos calendários da primeira relação sexual, principalmente por sexo, bem como no conhecimento sobre as DST. No entanto, a análise diferenciada por região e renda familiar em cada sexo mostrou grande heterogeneidade que indicaria limitações no acesso à educação sexual e no efetivo cumprimento dos direitos da população, bem como risco acentuado de contrair DST em determinados grupos sociais.	Nível 6	BVS
11	AMPOFO AG, et al., (2023)	Determinar: 1) a prevalência de fatores de risco modificáveis para câncer cervical e infecção por HPV, 2) o agrupamento de fatores de risco modificáveis para câncer cervical e infecção por HPV e 3) fatores associados aos agrupamentos identificados.	Estudo transversal	Aproximadamente um em cada 3 estudantes (34%) relatou exposição a pelo menos um fator de risco. Emergiram 2 classes distintas: alto risco e baixo risco (câncer cervical: 24% e 76% dos alunos, respectivamente; infecção por HPV: 26% e 74% dos alunos, respectivamente). Em comparação com os participantes das classes de baixo risco i) a classe de alto risco para câncer do colo do útero foi mais propensa a relatar exposição a contraceptivos orais; relação sexual precoce (< 18 anos); DSTs; MSP e tabagismo; e ii) a classe de alto risco de infecção por HPV foi mais propensa a relatar exposição à relação sexual; sexo desprotegido e MSP. Os participantes com maior conhecimento dos fatores de risco tiveram chances significativamente maiores de pertencer às classes de alto risco para câncer cervical e infecção por HPV.	Nível 6	PUBMED

ID	Autor principal	Objetivo	Delineamento do estudo	Resultados	Nível de evidência	Base de dados
12	MAGNO L, et al., (2023)	Estimar a prevalência de HIV e fatores individuais, sociais e programáticos entre AHSB em Salvador, Bahia, Brasil.	Estudo transversal.	A prevalência de infecção pelo HIV entre os 288 recrutados pelo projeto foi de 5,9%. Associações com significância estatística limítrofe foram: uso de aplicativos para achar parceiros sexuais, menor escolaridade, história de não ter sido contratado ou de ter sido demitido em função da orientação sexual e falta de uso de serviços de saúde como fonte usual de cuidados.	Nível 6	PUBMED
13	KOPS NL, et al., (2019)	Avaliar a sífilis autorreferida e fatores associados em adultos jovens sexualmente ativos (16 a 25 anos) no Sistema Único de Saúde no Brasil.	Estudo transversal.	224 indivíduos relataram ter a doença. Idade, classe socioeconômica mais baixa, ser fumante, não usar preservativo na primeira relação sexual e já ter tido experiência sexual entre pessoas do mesmo sexo estiveram associados à sífilis.	Nível 6	PUBMED
14	SENTÍS A, et al., (2019)	Descrever as características epidemiológicas e as tendências da incidência de gonorreia, sífilis, HIV e linfogranuloma venéreo (LGV) entre jovens de 15 a 24 anos em Barcelona e determinar os fatores associados à coinfeção pelo HIV.	Estudo de incidência de base populacional.	Houve aumento da incidência de gonorreia, de 1,9 casos por 10.000 pessoas em 2007 para 7,6/10.000 em 2015, em HSH de 27,1 para 228,8/10.000. A incidência do HIV apresentou aumento não significativo nos homens ($p=0,27$), e a do LGV manteve-se estável ($p=0,59$). Os fatores associados ao aumento do risco de co-infecção pelo HIV incluíram ser HSH e ter > 10 parceiros sexuais ou diagnóstico de IST durante os últimos 12 meses.	Nível 6	PUBMED
15	SHANNON CL, et al., (2019)	Avaliar a positividade basal de <i>Chlamydia trachomatis</i> (TC) e <i>Neisseria gonorrhoeae</i> (NG) urogenitais e extragenitais, bem como a positividade de anticorpos da sífilis entre um amostra grande e diversificada de adolescentes em Los Angeles e Nova Orleans.	Estudo transversal	A positividade de CT e NG e a reatividade de anticorpos para sífilis foram maiores entre homens adolescentes que fazem sexo com homens (HSH) infectados pelo HIV do que HSH adolescentes não infectados pelo HIV, particularmente infecção retal CT ou NG. Dos participantes com infecções CT ou NG positivas, 65% tiveram infecções apenas extragenitais, 20% tiveram infecções extragenitais e urogenitais e 15% tiveram infecções apenas urogenitais.	Nível 6	PUBMED

ID	Autor principal	Objetivo	Delineamento do estudo	Resultados	Nível de evidência	Base de dados
16	WESTIN MR e GRECO DB (2023)	Estimar a prevalência da sífilis e avaliar sua associação com fatores sociodemográficos, comportamentos sexuais e práticas em uma coorte multicêntrica brasileira para prevenção combinada do HIV com uso diário de PrEP entre HSH e adolescentes TrTGW de 15 a 19 anos	O estudo transversal multicêntrico.	Foram analisados 677 participantes. A idade mediana era 18,9 anos, 70,5% (477) se auto identificaram como pretos, 70,5% (474) como homossexuais/gays e 48 (7,1%) como mulheres trans ou travestis. A prevalência de sífilis na linha de base era 21,3%. No modelo final de regressão logística, as seguintes variáveis estiveram associadas com chances maiores de sífilis: autorrelato de episódio de IST nos últimos 12 meses, profissional do sexo, e menos de 11 anos de escolaridade.	Nível 6	PUBMED
17	VOYIATZAKI C, et al., (2021)	Avaliar o nível de conhecimento de uma população grega de adultos jovens sobre o risco de infecção por DST, as formas de transmissão e seu diagnóstico e prevenção	Estudo transversal observacional.	Os 1.833 indivíduos, com idades entre 18 e 30 anos, que responderam ao estudo parecem ser particularmente bem informados sobre DSTs como AIDS (97,7%), verrugas (97%), clamídia (92,2%), herpes genital (89,9%), sífilis (81,9%) e gonorréia (72,1%), enquanto percentuais menores foram observados para tricomoníase (39,3%), molusco contagioso (12,9%), micoplasmose (11,6%) e amebíase (7,4%). Em relação à transmissão oral de DST, os participantes responderam corretamente para herpes genital (45%), verrugas (35,8%) e AIDS (HIV; 33,8%), enquanto 30,2% desconheciam a transmissão sexual oral. Dos participantes, 52% não sabiam que as DSTs podem causar infertilidade. Apenas 40,4% dos entrevistados relataram sempre usar preservativo nas relações sexuais e 48,6% nunca haviam feito o teste de DST.	Nível 6	PUBMED
18	COSTA MIF, et al., (2020)	Analisar a relação entre as vulnerabilidades às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST/HIV/aids) de adolescentes em situação de pobreza e seu nível de resiliência.	Estudo transversal.	Houve associação significativa relacionada à "moradia" ($p=0,022$), "renda familiar" ($p=0,037$) e vulnerabilidade às IST/HIV/aids. Os adolescentes cujo pai possui ensino médio completo ($p=0,043$) possuem uma resiliência moderadamente alta.	Nível 6	PUBMED

ID	Autor principal	Objetivo	Delineamento do estudo	Resultados	Nível de evidência	Base de dados
19	GABSTERA, et al., (2021)	Determinar a prevalência e os fatores de risco da <i>Chlamydia trachomatis</i> (CT) genital entre adolescentes do sexo masculino e feminino com experiência sexual escolar no Panamá.	Estudo transversal multilocal.	Inscrevemos 3.166 participantes (54,3% mulheres), com idade média de 17 anos, sem diferença por sexo. A experiência sexual foi relatada por 1.954 (61,7%) participantes. A prevalência combinada de CT foi de 15,8%. Em uma análise ajustada por idade e região, a prevalência de TC foi maior entre os participantes do sexo feminino em comparação com os do sexo masculino (21,6% vs 9,1%). Entre mulheres com experiência sexual, a prevalência de TC foi maior entre aquelas que relataram ≥ 3 parceiros sexuais ao longo da vida em comparação com um parceiro.	Nível 6	PUBMED
20	BERG JJ, et al., (2020)	Avaliar as diferenças potenciais no risco de transmissão de HIV e outras ISTs entre YLWH para informar o HIV subsequente e Esforços de prevenção de DST.	Estudo de coorte	Os participantes foram categorizados em quatro grupos: (1) indetectável sem DSTs (55,2%); (2) indetectável com DSTs (14,2%); (3) detectável sem DSTs (22,8%); e (4) detectável com DSTs (7,8%). Em comparação com os outros três grupos, os jovens do grupo indetectável com DSTs relataram atitudes e crenças de redução de risco sexual mais favoráveis, uso da internet para encontrar parceiros sexuais, sexo anal com parceiros masculinos e sexo anal sem preservativo com parceiros masculinos.	Nível 4	PUBMED
21	ROROWSKI AS, et al, (2020)	Avaliar o comportamento sexual autorrelatado e o conhecimento sobre várias IST usando um questionário de 21 itens, (B) prevalência de infecções por CT e NG, entre três coortes de idade específica 14–19, 20–25 e 25-30 anos, respectivamente.	Estudo transversal monocêntrico, aberto e prospectivo	As três coortes específicas por idade mostraram diferenças estatisticamente significativas em seu status de relacionamento, seus contatos sexuais e o número de parceiros sexuais ao longo da vida. Independentemente da idade, homens que fazem sexo com homens tiveram maior número de parceiras sexuais em todas as faixas etárias. O conhecimento de trichomonas, micoplasma e candida em particular foi $< 50\%$ em todas as faixas etárias. A triagem de clamídia continua ruim, apesar da infecção atual por clamídia entre as coortes I, II e III ser de 7,1%, 5,4% e 11,4%, respectivamente.	Nível 6	PUBMED

ID	Autor principal	Objetivo	Delineamento do estudo	Resultados	Nível de evidência	Base de dados
22	GOODREAU SM, et al., (2021)	Avaliar a interação de mudanças em comportamentos detalhados no relatório de tendências YRBS de 2007–2017 sobre a incidência estimada geral e por categorias demográficas.	Estudo exploratório	Estimamos que 1.118.483 casos de clamídia e 214.762 casos de gonorréia foram evitados (19,5% da carga em todas as idades). Isso gerou uma economia de US\$ 474 milhões (dólares de 2017) em custos médicos ao longo da década. O maior número de casos evitados (767.543) ocorreu entre adolescentes negros, mas a maior proporção (28,7%) ocorreu entre adolescentes hispânicos.	Nível 6	PUBMED
23	MATOVU JKP, et al., (2021)	Avaliar os comportamentos sexuais de risco e a prevalência de HIV e sífilis entre AGYW atualmente na escola e fora da escola, com idades entre 10 e 24 anos, para informar o projeto de intervenções apropriadas de prevenção de IST para dentro e fora da escola.	Estudo quantitativo descritivo	De 4.488 AGYW (54,5%) que já tiveram relações sexuais, 12,9% ($n = 581$) tiveram sua estreia sexual antes dos 15 anos; 19,1% ($n = 858$) relataram história de DSTs. Daqueles que já tiveram relações sexuais, 79,6% ($n = 3.573$) fizeram sexo nos 12 meses anteriores à pesquisa; 75,6% ($n = 2.707$) com um (1) e 24,2% ($n = 866$) com 2+ parceiros. O uso de preservativo com o parceiro sexual mais recente foi baixo, com apenas 20,4% ($n = 728$) relatando uso consistente de preservativo, enquanto 79,6% ($n = 2.842$) relataram uso inconsistente ou nenhum preservativo. AGYW na escola eram significativamente menos propensos a ter tido relações sexuais, ter tido início sexual antes dos 15 anos ou praticar sexo com 2+ parceiros. O uso consistente de preservativo foi significativamente maior entre os AGYW na escola do que fora da escola. No geral, 1,7% ($n = 143$) tinham HIV, enquanto 1,3% ($n = 104$) tinham sífilis. A prevalência de HIV e sífilis foi maior entre adolescentes fora da escola do que dentro da escola (HIV: 2,6% vs. 0,9%; sífilis: 2,1% vs. 0,5%, respectivamente).	Nível 6	PUBMED
24	PAULI S, et al., (2022)	Avaliar a associação da infecção genital e oral pelo HPV entre diferentes práticas sexuais em ambos os sexos.	Estudo transversal.	Maior prevalência de HPV genital foi encontrada em mulheres que praticavam sexo oral (57,85%) e em homens que praticavam todos os tipos de sexo (65,87%). No entanto, ter mais parceiros sexuais e ser mais jovem foram mais importantes do que o tipo de sexo praticado. HPV 6 (7,1%) e 16 (10,5%) foram significativamente mais prevalentes em mulheres que praticavam sexo oral, enquanto o HPV 6 (23,96%) e 11 (21,49%) foram mais prevalentes em homens que praticavam sexo anal. O tipo de sexo não esteve associado à prevalência de HPV oral.	Nível 6	SCOPUS

ID	Autor principal	Objetivo	Delineamento do estudo	Resultados	Nível de evidência	Base de dados
25	LEWIS L, et al., (2022)	Avaliar as associações entre fatores sociais/demográficos subjacentes e fatores comportamentais que afetam diretamente a probabilidade de um indivíduo ser exposto e suscetível ao HIV.	Estudo de coorte prospectiva.	A incidência ponderada de HIV foi de 3,92 por 100 pessoas-ano (intervalo de confiança de 95%: 3,27–4,69; 163 soroconversões em 4.016 pessoas-ano). Entre jovens de 15 a 19 anos, ausência de apoio familiar, ter um parceiro circuncidado ou ser HIV positivo e não em terapia antirretroviral (ART) foram associados à incidência de HIV. Aqueles que relataram ausência de apoio familiar também foram mais propensos a relatar > 1 parceiro durante o acompanhamento. Entre jovens de 20 a 24 anos, a não conclusão do ensino médio, uso inconsistente de preservativo e relato de parceiro(s) que eram HIV positivos e não em TARV foram associados à incidência de HIV	Nível 4	SCOPUS
26	LACALLE AR, et al., (2022)	Determinar a prevalência da infecção por <i>Chlamydia trachomatis</i> em jovens não diagnosticados com idade entre 15 e 24 anos.	Estudo transversal	A idade mais comum na primeira relação sexual foi 16 anos (24,6%), seguida de 15 anos (21,3%). Apenas 32,6% relataram usar sempre o preservativo, 49,2% às vezes e 15,6% nunca. Um teste positivo para clamídia foi encontrado em 34 participantes (5,5%), sem diferença por sexo. Na análise multivariada, o status de trabalho foi um fator independente associado à infecção por clamídia, enquanto não ter sido previamente diagnosticado com uma DST e nunca usar a Internet para encontrar parceiros sexuais foram fatores protetores contra a infecção por clamídia.	Nível 6	SCOPUS
27	MCHARO RD, et al., (2022)	Descrever a prevalência e os fatores de risco associados ao Vírus Herpes Simplex tipo 2 (HSV-2), <i>Chlamydia trachomatis</i> (CT), <i>Neisseria gonorrhoeae</i> (NG), Sífilis e infecção pelo HIV entre adultos jovens que frequentam Instituições de Ensino Superior (IAS) em Mbeya, Tanzânia.	Estudo transversal.	Inscrevemos 504 alunos de 5 HLLs, com idade média de 21,5 anos. 17% dos alunos tiveram pelo menos uma IST; a prevalência foi maior entre as mulheres do que entre os homens (21,1% versus 14,1%). CT (11%) e HSV-2 (6,1%) foram as ISTs mais comuns, enquanto NG (1,1%) e infecção por HIV (0,7%) tiveram a menor ocorrência. Nenhum dos participantes foi diagnosticado com sífilis. Na análise univariada, os preditores de ISTs foram sexo, uso inconsistente de preservativo nas últimas 4 semanas, relato de sexo oral, orientação sexual (bissexual/homossexual) e ter um parceiro sexual com uma diferença de idade de pelo menos 5 anos (mais velho ou mais novo); enquanto na análise multivariada, sexo, uso inconsistente de preservativo nas últimas 4 semanas e orientação sexual (bissexual/homossexual) permaneceram significativos.	Nível 6	SCOPUS

ID	Autor principal	Objetivo	Delineamento do estudo	Resultados	Nível de evidência	Base de dados
28	BONNET S, et al., (2021)	Descrever padrões de infecção por sífilis e utilização de cuidados relacionados à sífilis entre adolescentes e adultos jovens vivendo com HIV (AYALH) na Filadélfia.	Estudo de coorte retrospectivo.	O atendimento relacionado à sífilis foi fornecido 145 vezes e houve 109 episódios de sífilis confirmada entre 83 participantes únicos entre 2011 e 2018. A taxa geral de incidência de sífilis foi de 13,50 (IC 95%: 10,9–16,5) casos por cem pessoas-ano.	Nível 4	SCOPUS
29	KOPS NL, et al., (2021)	Investigar o padrão de infecções múltiplas pelo <i>papilomavírus humano</i> (HPV) e fatores associados em mulheres jovens que acessam o sistema público de saúde brasileiro para melhor compreender as características das infecções múltiplas por HPV, uma questão crítica nesta era de vacinas multivalentes.	Estudo transversal e multicêntrico.	Das 5.268 mulheres, 33,00% (IC 95% 31,07–34,92) tiveram infecções múltiplas. Pelo menos um tipo de HPV de alto risco esteve presente em 85,50% de todas as infecções múltiplas. Todos os tipos de HPV foram detectados com mais frequência em associação com outros tipos do que isoladamente. Indivíduos jovens solteiros ou em relacionamento casual e aqueles que tiveram mais de um parceiro sexual no último ano tiveram maior probabilidade de ter infecções múltiplas.	Nível 6	SCOPUS
30	XU L, et al., (2020)	Determinar as características das infecções vulvovaginais em meninas de 14 a 18 anos no final da puberdade.	Estudo retrospectivo.	A incidência de VB, o tipo intermediário de VB, TV, CVV e vaginite patogênica desconhecida foi de 25,67%, 19,30%, 2,46%, 29,37% e 23,20%, respectivamente. A incidência de VB e CVV foi significativamente maior do que TV. A incidência de VB no grupo de 17 anos foi significativamente maior do que em outras faixas etárias.	Nível 6	SCOPUS
31	MUSTANKI B, et al., (2020)	Relatar a incidência de HIV e fatores associados entre homens jovens que fazem sexo com homens (YHSH) e mulheres transexuais (TW).	Estudo de coorte	As taxas de incidência de HIV foram de 2,91 por 100 pessoas-ano (44 soroconversões entre 1.513 pessoas-ano). A incidência foi significativamente maior em participantes negros do que em participantes brancos (IRR 8,81; IC 95% 2,72–45,26) e latinos (IRR 3,15; 1,49–7,28), mas não foram encontradas diferenças significativas por identidade de gênero. Teste positivo para DSTs retais (HR 2,50; IC 95% 1,27–4,92) e sexo com um parceiro de uma área comunitária de alta incidência de HIV (HR 2,46; IC 95% 1,19–5,07) foram associados a maior incidência.	Nível 4	SCOPUS

ID	Autor principal	Objetivo	Delineamento do estudo	Resultados	Nível de evidência	Base de dados
32	GABSTER A, et al., (2019)	Investigar a prevalência de IST e fatores de risco entre adolescentes da região indígena Comarca Ngäbe-Buglé do Panamá.	Estudo transversal	Inscrevemos 700 participantes (idade média, 17 anos [participantes do sexo feminino]; 18 anos [participantes do sexo masculino]) de 20 escolas. A experiência sexual foi relatada por 536 participantes (76,6%). As prevalências de HIV/IST entre mulheres e homens foram: HIV 0,4% e 1,0%, sífilis ativa de alto título 1,3% e 6,6%, HSV-2 16,1% e 16,1%, HBsAg 1,3% e 1,4%, anti-HBc 3,2% e 1,4%, NG 1,8% e 1,7%, CT 17,5% e 10,7%; entre as mulheres: BV 42,9% e HPV 33,2%. CT foi independentemente associado a ser do sexo feminino; sífilis ativa de alto título por ser do sexo masculino. A vaginose bacteriana foi associada ao comportamento sexual (≥ 3 parceiros sexuais ao longo da vida, e HPV com experiência sexual	Nível 6	SCOPUS
33	KASSIE BA, et al., (2019)	Avaliar a prevalência de infecções sexualmente transmissíveis e fatores associados entre os alunos da Universidade de Gondar, noroeste da Etiópia.	Estudo transversal	As infecções sexualmente transmissíveis entre os universitários foram de 18,20%. História prévia de infecções sexualmente transmissíveis, múltiplos parceiros sexuais na vida, não uso de preservativo nas relações sexuais e baixo conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis foram significativamente associados às infecções sexualmente transmissíveis.	Nível 6	SCOPUS

Fonte: Corrêa MLNC, et al., 2024.

Prevalência das infecções sexualmente transmissíveis em adolescentes

Estudos hoje demonstram que as taxas de prevalência de ISTs são mais elevadas em adolescentes, quando em comparação com outras faixas etárias, principalmente a sífilis, HIV, hepatites virais e infecções vulvovaginais como a clamídia, candidíase, gonorreia e tricomoníase. A iniciação da vida sexual ocorre primariamente por meio do sexo oral, com predominância no sexo feminino, sendo a idade média de iniciação compreendida no intervalo da adolescência (SANTARATO N, et al., 2022; XU L, et al., 2020).

No Brasil, dados do Ministério da Saúde mostram que, em 2020, foram notificados mais de 290 mil casos de sífilis adquirida, mais de 74 mil casos de gonorreia e mais de 39 mil casos de HIV em pessoas com idade entre 15 e 24 anos. Além disso, a *Chlamydia trachomatis* é uma das principais causas de infertilidade em mulheres jovens e pode estar presente de forma assintomática em até 70% dos casos (VOYIATZAKI C, et al., 2021; SENTÍS A, et al., 2019).

Para mais, ressalta-se a infecção por sífilis em adolescentes como uma preocupação de saúde pública, pois pode acarretar em complicações graves se não forem tratadas precoce e adequadamente. Haja vista que existem vários fatores que se relacionam com a infecção nesta população como: início precoce da atividade sexual; múltiplos parceiros sexuais; falta de uso ou uso inadequado de preservativos; uso de drogas; baixa escolaridade e nível socioeconômico; falta de informação e acesso aos serviços de saúde (WESTIN MR e GRECO DB, 2023; BONNET S, et al., 2021; FREITAS FLS, et al., 2021; KOPS NL, et al., 2021; KOPS NL, et al., 2019; GABSTER A, et al., 2019; ROROWSKI AS, et al., 2020).

Além do mais, os estudos apontam que a população estudantil apresenta certa relutância em relação aos fatores de risco para clamídia, câncer de colo cervical e para o vírus do HPV. Essa relutância pode estar relacionada à falta de informação sobre a importância da prevenção e da realização de exames preventivos, bem como à falta de acesso aos serviços de saúde especializados (AMPOFO AG, et al., 2023; PAULI S, et al., 2022; GABSTER A, et al., 2021).

Para mais, Shannon CL, et al. (2019) afirma que outra questão preocupante é a ocorrência mútua de infecções como sífilis e HIV entre essa população. Considerando que essas infecções são transmitidas pelo mesmo mecanismo de disseminação sexual e podem estar relacionadas aos mesmos fatores de risco, como a falta de uso de preservativos, a atividade sexual precoce e múltiplos parceiros.

Diante desse cenário, é fundamental que as políticas de saúde e educação adotem medidas para conscientizar e sensibilizar os jovens sobre a importância da prevenção das infecções sexualmente transmissíveis, incluindo o câncer de colo cervical e o HPV. É necessário também ampliar o acesso aos serviços de saúde, especialmente os que oferecem exames preventivos e tratamento adequado para as infecções, para garantir que essa população tenha as ferramentas necessárias para cuidar da sua saúde sexual e reprodutiva (PAULI S, et al., 2022).

Goodreau SM, et al. (2021) ao constatar em seu estudo que 1.118.483 casos de clamídia e 214.762 casos de gonorréia foram evitados e geraram uma economia em cerca de US\$ 474 milhões (dólares de 2017) em custos médicos ao longo da década, demonstra que investimentos na saúde pública como aumento das triagens e na cobertura de rastreamento para essas IST em adolescentes, não apenas aumenta os diagnósticos e evita complicações, como também reduz a incidência das mesmas.

Isto posto, observa-se entre os fatores que contribuem para a alta prevalência de IST em adolescentes se encontram na falta de informação sobre sexo seguro e prevenção de IST, a iniciação sexual precoce, a baixa adesão ao uso de preservativos, o uso de drogas e álcool e a falta de acesso aos serviços de saúde (MAGNO L, et al., 2023).

No tocante a isso, ratifica-se também os achados no estudo de MUSTANKI B, et al. (2020), os quais sugerem a importância de medidas preventivas, como o uso de preservativos e a educação sexual, especialmente entre as meninas que já iniciaram a vida sexual. Ademais, o respectivo estudo também destaca a importância do diagnóstico precoce e tratamento adequado das infecções vulvovaginais para evitar complicações e melhorar a qualidade de vida das adolescentes.

Por isso, é importante que sejam implementadas políticas públicas voltadas para a educação sexual e prevenção de ISTs, além de campanhas de conscientização e acesso facilitado aos serviços de saúde. A orientação aos jovens e adolescentes sobre o uso de preservativos e métodos contraceptivos, bem como a realização regular de testes de detecção de ISTs, são medidas fundamentais para prevenir e controlar a disseminação dessas infecções.

Relação entre os comportamentos de risco e a prevalência das infecções;

Os comportamentos sexuais de risco como relação sexual desprotegida e multiplicidade de parceiros, são os mais frequentes entre adolescentes e tem por consequência o aumento das taxas de infecções sexualmente transmissíveis. Dentre os principais fatores que contribuem para esse cenário, Spindola T, et al. (2021) destaca em seu estudo que os adolescentes apresentam uma insuficiência de conhecimento tanto sobre as IST quanto a importância do uso correto de preservativo, além de que os mesmos acreditam em uma invulnerabilidade e por isso assumem tais comportamentos.

Atrelado a não utilização do preservativo, a população masculina costuma apresentar relatos como diminuição de sensação de prazer, desconforto, dificuldade na ejaculação. As meninas, por outro lado possuem uma dependência emocional do parceiro, uma vez que os mesmos ainda argumentam que a sua utilização é sinônimo de infidelidade, o que resulta na sua perda de autonomia enquanto que os meninos nessas mesmas situações aumentam sua identidade masculina (SAURA S, et al., 2019).

Grande parte das IST são assintomáticas e, devido a essa particularidade, é importante que seja detectada precocemente. Porém, Melo LD, et al. (2022) constatou que os adolescentes não possuem o hábito da realização de testes rápidos devido ao medo de um possível diagnóstico positivo. No entanto, o autor também apresenta que há casos de omissão de casos positivos que contribuem para a disseminação entre os adolescentes. Além disso, a utilização de drogas, ilícitas ou lícitas, por motivos recreativos ou antes de relações sexuais, a falta de acesso à internet, recebimentos de presentes foram associados com o aumento do risco à saúde sexual do adolescente (SANTARATO N, et al., 2022; SPINDOLA T, et al., 2020; FREITAS FLS, et al., 2021).

Atualmente, os aplicativos de namoro que incentivam os relacionamentos sexuais são apontados como grandes responsáveis pelo aumento de casos de IST (BERG JJ, et al., 2020). Nesse sentido, Lacalle AR, et al. (2022) afirma que a não utilização de internet é um fator protetor contra as IST.

Diversos autores apontam que a precocidade da primeira relação sexual é tida como um comportamento de risco intrínseco nas taxas de infecções das IST e que não existe um consenso a respeito da idade ideal para a primeira relação sexual. Porém, alguns estudos encontraram que a idade variou entre 12 a 18 anos, principalmente na população feminina (SANTARATO N, et al., 2022; RIZZON BB, et al., 2021; FREITAS FLS, et al., 2021; SPINDOLA T, et al., 2020; KASSIE BA, et al., 2019).

Ademais, no estudo realizado por Rizzon BB, et al. (2021) as mulheres relataram ter apenas um parceiro, ao contrário do sexo masculino que relataram ter quatro ou mais parceiras e a menor adesão ao uso de preservativos. Esse achado reflete o cenário no qual há mais mulheres infectadas devido aos homens serem os principais disseminadores das IST (MCHARO RD, et al., 2022). No estudo realizado por NNEBUE CC, et al. (2018), observou-se que a maioria dos adolescentes (82,5%) conheciam os comportamentos sexuais de risco e receberam alguma educação sexual, que envolve o conhecimento sobre as infecções e os métodos contraceptivos, sendo a origem de tais informações o ambiente escolar e a conversa com os pais e/ou responsáveis. Desta forma, o âmbito escolar é considerado um local propício e privilegiado para o debate de temas relacionados às IST, além de que contribui para a redução da prática sexual com mais de um parceiro e aumento da utilização de preservativo (MATOVU JKP, et al., 2021).

As limitações no acesso à educação em saúde contribuem para o risco de contrair alguma IST (MARCO MH, et al., 2018). Lewis L, et al. (2022) ratifica esse fato ao encontrar, em seu estudo, que jovens com idade entre 20 a 24 anos que não concluíram o ensino médio possuíam parceiros sexuais positivados para HIV e não faziam uso dos medicamentos antirretrovirais, aumentando assim sua exposição a tal infecção.

De acordo com uma pesquisa conduzida na Grécia, verificou-se que os adolescentes possuem um amplo conhecimento sobre as diversas IST, assim como seus principais sintomas e formas de transmissão, sendo o HIV a infecção mais conhecida. Esses achados podem ser atribuídos ao aumento do nível de escolaridade dos estudantes gregos em relação a outros países, bem como à contribuição de campanhas socioeducativas que visam fornecer informações adicionais sobre a transmissão, riscos e medidas de prevenção das IST durante as aulas de biologia (VOYIATZAKI C, et al., 2021).

Altas prevalências de IST pela população LGBTQIA+ são relatadas frequentemente na literatura. Um obstáculo importante que contribui para tais dados é o não cumprimento efetivo dos direitos sexuais dessa população jovem (MCHARO RD, et al., 2022; MARCO MH, et al., 2018)

A pobreza e as desigualdades sociais são vulnerabilidades que potencializam outras vulnerabilidades, principalmente na adolescência. Condições relacionadas à moradia e relações familiares são classificadas como vulnerabilidades na adolescência que potencializam os riscos de IST (COSTA MIF, et al., 2019). É importante destacar que uma boa relação com a família tendem a minimizar a exposição ao adoecimento, porém devido à baixa escolaridade dos pais, a falta de acesso a informações e sentimento de insegurança, medo e vergonha ao abordar tais assuntos com os filhos, acabam interferindo em uma boa comunicação sobre sexualidade (COSTA MIF, et al., 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que a falta de conhecimento dos adolescentes sobre as IST é o principal fator que contribui para a sua disseminação. Além disso, esse fator também se relaciona com os comportamentos de riscos adotados por esse público, sendo os principais: a iniciação precoce da vida sexual, multiplicidade de parceiros, não utilização de preservativo e uso de diversos tipos de drogas. Nessa perspectiva, a educação em saúde é primordial, e esta deve abranger a família, o âmbito escolar e os serviços de saúde para a garantia de uma maior prática de autocuidado aos adolescentes. Desta forma, espera-se que, com base na identificação desses fatores, seja possível elaborar estratégias eficazes para a redução e controle das altas taxas de infecções sexualmente transmissíveis entre os adolescentes.

REFERÊNCIAS

1. AMPOFO AG, et al. Prevalência e correlatos de fatores de risco modificáveis para câncer cervical e infecção por HPV entre estudantes do ensino médio em Gana: uma análise de classe latente. *BMC Public Health*, 2023; 23:340.
2. BERG JJ, et al. Transmission Risk Among Youth Living With HIV in the U.S. *Journal of Adolescent Health*, 2020; 67(1):61-68.
3. BONNET S, et al. Incidência de infecção por sífilis e utilização de cuidados relacionados à sífilis entre adolescentes e adultos jovens vivendo com HIV. *SAGE Journal*, 2021; 33(2).
4. CARVALHO RO, et al. Medidas de educação em saúde sobre infecções sexualmente adquiridas para escolares do ensino médio. *Revista ELO - Diálogo em Extensão*, 2021; 10.
5. COSTA MIF, et al. Adolescentes em situação de pobreza: resiliência e vulnerabilidades às infecções sexualmente transmissíveis. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2020; 73.
6. COSTA MIF, et al. Determinantes sociais de saúde e vulnerabilidades às infecções sexualmente transmissíveis em adolescentes. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2019;
7. ERCOLE FF, et al. Revisão integrativa versus revisão sistemática. *Reme: Revista Mineira de Enfermagem*, 2014; 18(1).
8. FREITAS FLS, et al. Sífilis em jovens conscritos brasileiros, 2016: aspectos sociodemográficos, comportamentais e clínicos. *Caderno de Saúde Pública*, 2021; 37(8).
9. GABSTER A, et al. High Prevalence of Sexually Transmitted Infections, and High-Risk Sexual Behaviors Among Indigenous Adolescents of the Comarca Ngäbe-Buglé, Panama. *Sexually Transmitted Diseases*, 2019; 46(12).
10. GABSTER A, et al. Prevalência e determinantes da Chlamydia trachomatis genital entre adolescentes em idade escolar com experiência sexual em regiões urbanas e rurais indígenas do Panamá. *Epidemiology*, 2020; 97: 304–311.
11. GALVÃO CM. Níveis de Evidência. *Acta Paulista de Enfermagem*, 2006; 19: 2.

12. GOODREAU SM, et al. Impactos da mudança de comportamento sexual na carga de clamídia e gonorréia entre estudantes do ensino médio nos EUA, 2007 a 2017. *Sexually Transmitted Disease*, 2021; 48(9): 635-642.
13. KASSIE BA, et al. Prevalência de infecções sexualmente transmissíveis e fatores associados entre os estudantes da Universidade de Gondar, Noroeste da Etiópia: um estudo transversal. *Reproductive Health*, 2019; 16.
14. KOPS NL, et al. Fatores comportamentais associados às infecções genitais por HPV de tipos múltiplos: dados de um estudo transversal em mulheres jovens no Brasil. *Reproductive Health*, 2021; 18.
15. KOPS NL, et al. Sífilis autorreferida e fatores associados em jovens brasileiros: achados de uma pesquisa nacional. *The Brazilian Journal of Infectious Disease*, 2019; 23(4):274-277.
16. LACALLE AR, et al. Prevalence and Characterization of Undiagnosed Youths at Risk of Chlamydia trachomatis Infection: A Cross-sectional Study. *Journal of Lower Genital Tract Disease*, 2022; 26(3).
17. LEWIS L, et al. Incidência de HIV e fatores de risco associados em meninas adolescentes e mulheres jovens na África do Sul: um estudo de coorte de base populacional. *PLOS ONE*, 2022; 17(12).
18. LOCKWOOD C, et al. Chapter 2: systematic reviews of qualitative evidence. In: Aromataris E, Munn Z (Editors). *JBI manual for evidence synthesis*, 2020.
19. MAGNO L, et al. Factors associated to HIV prevalence among adolescent men who have sex with men in Salvador, Bahia State, Brazil: baseline data from the PrEP1519 cohort. *Caderno de Saúde Pública*, 2023; 39.
20. MARCO MH, et al. Jóvenes, enfermedades de transmisión sexual y derechos. *Panorama nacional y regional en Argentina. Ciência e Saúde Coletiva*, 2018; 23(9).
21. MATOVU JKP, et al. Comportamentos sexuais de risco e prevalência de HIV e sífilis entre adolescentes e mulheres jovens dentro e fora da escola em Uganda: um estudo transversal. *PLOS ONE*, 2021; 16(9).
22. MCHARO RD, et al. Prevalência e fatores de risco associados às infecções por HIV, vírus Herpes Simplex tipo 2, Chlamydia trachomatis e Neisseria gonorrhoeae entre estudantes de 18 a 24 anos que frequentam instituições de ensino superior em Mbeya-Tanzânia. *PLOS ONE*, 2022; 17(5).
23. MELO LD, et al. Prevención de infecciones de transmisión sexual entre los jóvenes e importancia de la educación sanitaria. *Revista Electronica Trimestral de Enfermería Global*, 2022; (65).
24. MUSTANKI B, et al. Very High HIV Incidence and Associated Risk Factors in a Longitudinal Cohort Study of Diverse Adolescent and Young Adult Men Who Have Sex with Men and Transgender Women. *AIDS and Behavior*, 2020; 24: 1996-1975.
25. NESPOLO DJ, et al. Educação em saúde na estratégia saúde da família para adolescentes: foco nas infecções sexualmente transmissíveis. *Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research*, 2019; 27(3): 147-151.
26. NNEBUE CC, et al. Awareness, Gender Variations, Consequences of Sexual Risk Behavior and Adopted Solutions among Senior Secondary Schools Adolescents in Owerri, Nigeria. *Internacional Journal Medical Surg Science*, 2018; 5(2): 50-5.
27. PAULI S, et al. Práticas sexuais e infecção pelo HPV em adultos jovens não vacinados. *Scientific Reports*, 2022; 12:12385.
28. RIZZON BB, et al. Comportamento de risco para infecções sexualmente transmissíveis em estudantes do ensino médio. *FEMINA*, 2021; 49(1):52-7.
29. ROROWSKI AS, et al. Age specific evaluation of sexual behavior, STI knowledge and infection among asymptomatic adolescents and young adults. *Journal of Infection and Public Health*, 2020; 13(8).
30. SANTARATO N, et al. Caracterização das práticas sexuais de adolescentes. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 2022; 30.
31. SANTOS CR, et al. Manejo de IST em adolescentes na atenção primária à saúde. *Brazilian Journal of Health Review*, 2022; 5(2): 8012-8021.
32. SAURA S, et al. Percepção do risco de infecções sexualmente transmissíveis/HIV em jovens na perspectiva de gênero. *Atenção Primária*, 2019; 51(2): 61-70.
33. SENTÍS A, et al. Infecções sexualmente transmissíveis em jovens e fatores associados à coinfeção HIV: um estudo observacional em uma cidade de grande porte. *BMJ Open*, 2019; 9:e027245.
34. SHANNON CL, et al. Sexually Transmitted Infection Positivity Among Adolescents With or at High-Risk for Human Immunodeficiency Virus Infection in Los Angeles and New Orleans. *Sexually Transmitted Diseases*, 2019; 46(11).
35. SPINDOLA T, et al. A prevenção das infecções sexualmente transmissíveis nos roteiros sexuais de jovens: diferenças segundo o gênero. *Ciência e Saúde Coletiva*, 2021; 26(7):2683-2692.
36. SPINDOLA T, et al. Prácticas sexuales y comportamiento de jóvenes universitarios frente a la prevención de infecciones de transmisión sexual. *Enfermería global*, 2020; 19(58).
37. VOYIATZAKI C, et al. Awareness, Knowledge and Risky Behaviors of Sexually Transmitted Diseases among Young People in Greece. *International Journal Environmental Research Public Health*, 2021; 18.
38. WESTIN MR e GRECO DB. Prevalence of syphilis and sexual behavior and practices among adolescents MSM and TrTGW in a Brazilian multi-center cohort for daily use of PrEP. *Caderno de Saúde Pública*, 2023; 39.
39. XU L, et al. Análise das características das infecções vulvovaginais em meninas de 14 a 18 anos no final da puberdade. *Journal of International Medical Research*, 2020; 48(8).